

# A Vontade de Saber – a escola e o mundo das profissões entre os Ye'kuana

---

*Karenina Vieira Andrade*  
(Departamento de Sociologia e Antropologia UFMG)

## **Resumo**

Este artigo analisa a escola e seus significados entre os Ye'kuana, povo indígena cuja população está dividida entre o extremo norte do Brasil e sul da Venezuela. Analisando a trajetória dos primeiros professores Ye'kuana, que tiveram um papel importante na consolidação da escola na aldeia, este trabalho discute a instituição como um lugar privilegiado para acessar o mundo não-indígena. Seguindo este caminho, faço uma breve reflexão sobre o papel de outras carreiras exercidas pelos Ye'kuana.

**Palavras-chave:** Ye'kuana, escola, mundo das profissões

## **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo la escuela y su importancia entre los Ye'kuana, un pueblo amazónico que vive en la frontera internacional entre Brasil y Venezuela. Analizando la trayectoria de los primeros maestros Ye'kuana, que tuvieron un papel importante en la consolidación de la escuela en la aldea, en este trabajo se analiza la institución como un acceso privilegiado al mundo no-indígena. Siguiendo este camino, ofrezco una breve reflexión sobre el papel de otras carreras llevadas a cabo por los Ye'kuana.

**Palabras claves:** Ye'kuana, escuela, mundo de las profesiones

## Abstract

This article aims at the school and its significance among the ye'kuana, an amazonian people who lives at the international border among Brazil and Venezuela. Analyzing the trajectory of the first ye'kuana teachers, who had an important role at the consolidation of school in the village, the paper discuss the institution as a privilege place to acess the non-indigenous world. Following this path, I provide a brief reflection on the role of other pursued careers by the ye'kuana.

**Keywords:** Ye'kuana, school, Professional world

*Wanaadi*, o demiurgo ye'kuana<sup>1</sup>, ao partir deste mundo, enganou *Odo'sha*<sup>2</sup> de várias maneiras para que este não o seguisse até o céu, onde se refugiou. *Wanaadi* criou, dentre outras coisas, o papel e a escrita, deixando um exemplar da Bíblia para que *Odo'sha* lesse. A escrita, o papel e os livros, portanto, nada mais são que truques para enganar *Odo'sha*. Talvez por essa razão a chegada destes símbolos na cultura ye'kuana preconize a morte cultural.

Os brancos herdaram de *Odo'sha* a escrita e com ela foram capazes de produzir e acumular conhecimento ao longo de sua história. Os antigos *fōwai*, os poderosos pajés, diziam que quando os brancos chegassem ao território ye'kuana trazendo seus carros, aviões, armas, papel e livros, começaria o processo irreversível que culminaria com o fim da cultura ye'kuana, primeiro estágio do encerramento deste ciclo de vida na Terra. Por que motivos, então, os Ye'kuana adotaram tais símbolos, através de um processo que lhes custou muito investimento?

## A descoberta da escrita

Os Ye'kuana tiveram contato pela primeira vez com

o homem branco e com sua parafernália cultural no território venezuelano. Com a presença constante dos missionários em área e a fundação de novas aldeias que abrigavam a missão, os Ye'kuana começaram a ter contato mais íntimo com a cultura ocidental e o saber dos brancos. Os missionários trataram de fundar escolas nas aldeias para ensinar espanhol aos índios e também aprender sua língua. Assim surgem as primeiras cartilhas em ye'kuana e, mais tarde, uma tradução da Bíblia.

Na Venezuela, em princípios dos anos 1950, a Missão Evangélica Novas Tribos (MNT) instalou-se no Território Federal Amazonas, incluindo algumas aldeias ye'kuana. Os missionários católicos, por sua vez, concentraram-se também no sul da Venezuela, tanto no Território Federal Amazonas quanto no Estado Bolívar. No território ye'kuana os evangélicos se estabeleceram primeiro no Cunucunuma e depois no Alto Orenoco. Acanaña, aldeia localizada no Rio Cunucunuma, a princípio não recebeu bem os missionários (mais tarde se converteria) que, em 1958, fundaram missões no Cunucunuma, em Wedeña e Mawishiña. No Rio Orenoco, estabeleceram missão em Tamatama; no Rio Padamo, em Tokishanamaña e Mudeshijaña – em Tokishanamaña apenas parte da população se converteu. Os católicos se estabeleceram primeiro em Santa Maria do Erebató (Jiwitiña), La Esmeralda (Medadãha) e no Cacuri (Lauer 2005).<sup>3</sup>

Em Auaris, bem como em todas as demais aldeias ye'kuana, circularam notícias sobre a presença dos missionários. Essa nova categoria de brancos, que instalavam residência nas aldeias, logo ficou conhecida dos Ye'kuana e despertou diferentes tipos de sentimento à medida que a proposta de evangelização foi se tornando conhecida dos índios. Enquanto aldeias inteiras se convertiam à religião dos brancos, outras condenavam tal atitude; houve casos de aldeias que ficaram divididas entre convertidos e não-convertidos (Coppens 1981; Frechione, 1981).

Os missionários logo iniciavam o estudo da língua ye'kuana e preparavam material para alfabetizar a população. Mais tarde, aparecem as primeiras traduções da Bíblia para a língua ye'kuana (vi um exemplar em Auaris, chamado *Wanaadi A'deddu*, Palavras de Wanaadi, uma edição bilíngüe Espanhol-Ye'kuana. Não há tradução portuguesa).

Os Ye'kuana de Auaris, envolvidos em uma rede na qual havia intensa mobilidade, visitaram as aldeias venezuelanas e tiveram contato com as escolas fundadas pelas missões. Um deles, Raimundo, viveu alguns anos em Medadänha (La Esmeralda) no início dos anos 1960, conta que já havia um professor ye'kuana que havia sido treinado por missionários, com quem ele e diversos outros ye'kuana aprenderam a escrever em espanhol.

Embora condenassem a conversão à religião dos brancos, logo os líderes ficaram interessados em aprender o sistema de escrita. A princípio, mais do que aprender a escrever em ye'kuana, era o desejo de aprender a escrever a língua dos brancos que interessava. Tomé, um dos homens de Auaris, viajou até a Venezuela e lá permaneceu por algum tempo. Quando retornou, trouxe algumas cartilhas e após a aprovação dos líderes locais, começou a ensinar aos jovens o que havia aprendido. Tornou-se um hábito trazer cartilhas adquiridas nas viagens comerciais, inclusive em português. “A gente via o desenho e tinha o nome escrito do lado da figura. Era assim que a gente ia tentando aprender”, conta Tomé. As dificuldades desse sistema de aprendizagem logo se apresentaram e os Ye'kuana perceberam que era necessária a presença de um branco para ensiná-los.

### **Missionários em Auaris**

A Missão Evangélica da Amazônia (MEVA), ramo brasileiro da Unevangelized Fields Mission (assim como a Misiones Nuevas Tribus na Venezuela), estabeleceu-se

em Auaris nos anos 1960, logo após a abertura da pista de pouso. Depois do encontro da expedição comercial ye'kuana com militares e missionários no Uraricoera, quando foram contratados para construir uma pista de pouso (onde hoje está localizada a missão conhecida como Palimiú), os Ye'kuana trabalharam em várias outras pistas (inclusive Surucucus, a maior delas) e ficou combinada a abertura de uma pista em Auaris, depois de um sobrevôo da FAB sobre a região, guiado pelo Ye'kuana Albertino. Pouco tempo depois que a pista ficou pronta, chegaram missionários da MEVA a Auaris. Embora não tenham demonstrado nenhum tipo de hostilidade com relação aos missionários, os Ye'kuana deixaram claro que não se converteriam à religião dos brancos, o que levou os missionários a se concentrar no trabalho com a população Sanumá<sup>4</sup>. Donald Borgman, um dos primeiros missionários a viver em Auaris, linguísta, dedicou-se ao estudo da língua Sanumá, cuja população crescia em Auaris com a chegada dos brancos. Naquele momento, a principal aldeia Sanumá localizava-se logo ao lado da aldeia Ye'kuana, próximo à pista de pouso recém-aberta (Ramos 1990). No final da década de 1970, entretanto, os Ye'kuana decidiram mudar-se, construindo não mais uma única casa redonda, mas várias casas retangulares, a cerca de vinte minutos de caminhada da missão. Não só o desejo de se afastar dos Sanumá, mas a chegada de trabalhadores da COMARA e a iminente chegada de mais militares (nos anos 1980 foi construída a primeira base militar em Auaris) foi decisiva para a mudança.

Em 1980, chegou a Auaris um casal de missionários para trabalhar com os Ye'kuana. Embora tivessem um bom relacionamento com 'Donaldo' [Donald Borgman], os Ye'kuana guardavam uma atitude de reserva com relação à missão e ao fato de que somente se interessavam pela língua sanumá. O novo casal de missionários ficou apenas dois anos e existem duas versões para sua saída (Lauriola 2004): segundo a MEVA, o motivo foi a

dificuldade de adaptação em Auaris, região muito isolada; segundo os Ye'kuana, o problema começou quando em 1981 missionários da MNT afirmaram na Venezuela que os não-convertidos “queimariam no inferno”, chocando a população ye'kuana. Decidiu-se por um debate, organizado pelos evangélicos, em Mudeshijaña, comunidade do Rio Padamo, da qual participaram alguns homens de Auaris. Como analisou Lauriola (2004), a questão para os tradicionalistas era “qual seria o caminho certo para nos salvar?” e para os convertidos, “onde watunna (sic) fala do surgimento dos crentes?”. Chegou-se à conclusão de que *wätunnä* não fala sobre o surgimento dos crentes, que só podem ser descendentes de Fañudu. Os convertidos perderam o debate; os homens voltaram a Auaris onde uma grande festa foi organizada, com muito caxiri (*yadaaki*) e tabaco (*kawai*) por três dias. Os missionários, descontentes com o que viram, decidiram ir embora.

Os Ye'kuana não desejavam conhecer a religião dos brancos, queriam, sim, um professor, alguém que ensinasse a língua e o sistema de escrita. Do que haviam visto na Venezuela, apenas isso lhes interessava, pois a conversão significava abster-se de caxiri (*yadaaki*) e tabaco (*kawai*), e ainda renegar o conhecimento de *wätunnä*, o verdadeiro conhecimento. Um dos meus instrutores de *wätunnä* me disse, “quando os crentes chegam dizendo que o mundo vai acabar, vai ter julgamento e só quem acredita em Deus vai se salvar e os outros vão queimar, a gente sabe que não é verdade. Não é assim que o mundo vai acabar, vai ser devagar, aos poucos, vão acontecer muitas tragédias, como já tem furacão, terremoto. Só depois que acabar Ye'kuana é que a Terra vai queimar . Os pajés nos ensinaram assim, eles viram tudo, eles sabiam”. Ou ainda nas palavras de Peri, líder de Auaris, com o irmão Néri, “quando os missionários vieram e contaram essa história, vocês vão morrer assim, o pessoal se convertia porque tinha medo. Os velhos, que sabiam

*wätunnä*, não acreditavam no que os missionários diziam e não se convertiam, eles sabiam que era mentira, sabiam que depois que este mundo acabar vai começar outro e então será a vez dos Ye'kuana”.

Em 1983 chegou a Auaris uma missionária com grande experiência em alfabetização (fora professora do Estado de Santa Catarina durante muitos anos) e também no trabalho com povos indígenas. Donald Borgman disse aos Ye'kuana que a nova missionária era professora, como eles haviam pedido. Os líderes aceitaram sua permanência, mas continuaram firmes no propósito de não-conversão. Ficou acertado que na escola a missionária teria liberdade para “contar suas histórias”, enquanto os Ye'kuana também “contariam as deles” (Lauriola 2004). Quando a missionária chegou, Albertino, um dos líderes de Auaris, convidou-a a ensinar os jovens. Em maio de 1983 começaram as aulas para o primeiro grupo, composto por quatro adultos e seis adolescentes – quatro deles viraram professores, um microscopista da Funasa, um Agente Indígena de Saúde contratado pela Funasa e um serviu como soldado no Pelotão de Fronteira do Exército em Auaris por sete anos. Segundo a missionária, “a vontade de aprender deles era extraordinária” e no ano seguinte ela começou a 1ª série, com oito alunos, dois dos quais também se tornaram professores. Tomé seguia no trabalho como intérprete e ficou responsável pela recém-criada turma de pré-escolar, com novos alunos. Uma pequena casa foi construída para abrigar a escola. Em 1986, foi concluída a primeira etapa do curso fundamental, mas a escola não era vinculada à Secretaria de Educação de Roraima e não tinha, portanto, reconhecimento, mas já se sabia do trabalho desenvolvido pela missionária. Para que os alunos que terminaram a 4ª série tivessem um diploma (alguns prosseguiriam os estudos em Boa Vista), foram considerados alunos por extensão da Escola Batista Boas Novas. A missionária assinou documentos exigidos pela Secretaria de Educação e os alunos eram avaliados através de

provas que chegavam de Boa Vista.

Alguns jovens que tinham concluído a 4ª série estavam estudando em Boa Vista. Dois deles foram os primeiros a retornar de Boa Vista após a conclusão do ensino fundamental (o antigo 1º grau) e começaram a trabalhar como professores na escola. Na década de 1990 a escola foi reconhecida pela Secretaria de Educação, passando a se chamar Escola Estadual Indígena Apolinário Gimenez. Um dos professores foi contratado em 1991 e o outro em 1994, ambos remunerados conforme uma tabela especial da Secretaria. Anos mais tarde, quando foi criado o magistério indígena, ambos matricularam-se na primeira turma. Além deles, mais três professores também cursaram o magistério indígena em turmas seguintes, dois professores em Auaris e um professor em Waikás. A Escola tem hoje turmas de maternal a 8ª série, e espera-se que em breve, com a conclusão da Licenciatura dos professores, a Secretaria de Educação autorize a abertura do 2º grau.

A missionária permaneceu em Auaris por mais de vinte anos trabalhando na escola que ajudou a criar. A partir de 2000 deixou a diretoria e passou ministrar apenas as aulas de religião, sempre auxiliada por um dos professores para fazer a tradução simultânea para o ye'kuana, e ajudando os professores mais inexperientes na preparação das aulas. Todas as aulas são ministradas em ye'kuana e os alunos seguem o mesmo programa de qualquer outra escola estadual, excetuando-se duas matérias: ao invés de terem aulas de Língua Inglesa têm aulas de Língua Portuguesa (como 'língua estrangeira') e de Língua Materna.

### **Trabalhando na escola**

O prédio onde hoje funciona a escola é uma construção espaçosa, com quatro salas de aula, biblioteca e secretaria, onde ficam os dois computadores e impressora. Foi construído ainda um anexo onde há um refeitório, também usado para reuniões e



eventos (nas formaturas de final de ano, por exemplo), a cozinha, onde é preparada a merenda escolar, duas salas onde estudam os pequenos que cursam jardim e maternal e um depósito de material escolar. A construção do prédio seguiu ao estilo tradicional ye'kuana, através do trabalho comunitário.

Toda a comunidade está envolvida, em alguma medida, com a escola. O número de alunos cresce a cada ano, pois, se no início os pais selecionavam dentre sua prole aquele que seria enviado à escola, hoje praticamente todas as crianças estudam. Nas datas comemorativas, todos são convidados a participar dos eventos promovidos pela escola. Pais dos alunos contribuem de forma ativa, fabricando, por exemplo, bancos e mesas para as crianças ou ajudando nos reparos e reformas do edifício e anexo.

Os professores estão ativamente envolvidos no trabalho em prol da comunidade. Não apenas os primeiros professores trabalharam sem remuneração, mas existem atualmente professores que trabalham voluntariamente, enquanto aguardam futura contratação ou o início da nova turma de magistério. Os professores remunerados contribuem também na compra de materiais e equipamentos; os computadores, por exemplo, foram adquiridos com recursos dos próprios professores, que também compraram placas solares e baterias que possibilitaram a implantação do curso de alfabetização dos adultos, o EJA (Educação de Jovens e Adultos), cujas aulas eram ministradas à noite (com a alfabetização de todos os adultos da aldeia, o EJA foi encerrado). Praticamente todos os adultos e velhos de Auaris (inclusive mulheres) são alfabetizados em sua própria língua.

Ao analisarmos a trajetória dos professores e a sua visão sobre o trabalho na escola, vê-se claramente a influência da ética ye'kuana calcada no ideal ascético do trabalho e na busca pelo conhecimento em sua formação. Vejamos o perfil dos professores que fazem parte de uma primeira geração de jovens ye'kuana que foram preparados para introduzir seu povo nesse mundo a

decifrar.

## **Reinaldo**

Terceiro dos sete filhos de João e Lúcia, Reinaldo fez parte da turma de jovens cujas primeiras lições foram dadas por Tomé, com as cartilhas trazidas da Venezuela. Quando a missionária chegou, ele frequentou as aulas desde o início e concluiu a 4ª série na primeira turma formada. Pelo esforço nas aulas e por apresentar um dos melhores resultados dentre os alunos da turma, Reinaldo foi escolhido, junto com mais um dos meninos daquela turma, Castro, para estudar em Alto Alegre, município próximo a Boa Vista. A missionária entrou em contato com um pastor em Boa Vista e os meninos iriam morar na fazenda do sogro desse pastor, onde trabalhariam e poderiam estudar. Entretanto, quando chegaram à fazenda, encontraram uma outra realidade. Havia muito trabalho e eles só podiam frequentar a escola depois de terminar todas as tarefas diárias. Depois de uma discussão com o patrão, foram mandados de volta a Boa Vista. Após uma breve estadia na casa de um conhecido do pai, retornaram a Auaris. Era o ano de 1987 e os garimpeiros haviam invadido Waikás. Reinaldo e o pai foram trabalhar no garimpo e só voltaram a Auaris no ano seguinte. Somente em 1988 Reinaldo conseguiu retomar os estudos, matriculando-se em uma escola de Boa Vista:

Xavier e Henrique já estavam em Boa Vista, fazendo supletivo e servindo o Exército. Então, eu, Raul e depois Castro fomos nos juntar a eles. Fiquei quatro anos estudando lá, até a 8ª série; no último ano passei na prova do magistério. Cursei durante seis meses, mas era muito difícil e os livros eram caros, eu tive que deixar o curso. Nesse período a casa de apoio já havia sido comprada e todos nós morávamos lá. Em 1993 fui encontrar Peri em uma fazenda em Mucajaí, eu tinha deixado o magistério e fiquei trabalhando com ele nessa fazenda. De lá, voltamos para Auaris. Chegando aqui, comecei a trabalhar na escola como voluntário. Eu tinha casado no ano

anterior, quando ainda estava em Boa Vista, e Rute [a esposa, que vivia em Waikás, sua prima cruzada paterna] chegou a morar lá comigo. Em 1994 foi criado o magistério indígena parcelado e eu e Henrique, recém-contratados pela Secretaria de Educação, nos matriculamos. Terminei o curso em 1996. Nas assembléias de professores indígenas, que eu sempre acompanhava, discutia-se a proposta de criação de um curso de licenciatura para nós. Eu achei que nunca ia acontecer, mas em 2003 a promessa se concretizou. Eu, Martim, Osmar, Fernando, Henrique, Felipe e Raul [todos já haviam terminado o magistério indígena parcelado] nos matriculamos, fizemos cursos de extensão preparatórios. Eu pensava, naquele tempo, que os Macuxi eram muito mais inteligentes que nós, eles dominavam o português. Mas, com nossa dedicação e vontade, hoje estamos na Licenciatura.

Quando eu era muito jovem eu acompanhava meu pai e os outros nas viagens, sofria junto com eles. Tomé dizia, eu não estudei, mas vocês deviam estudar para ter vida melhor, aprender as coisas. Ele tinha visto escola na Venezuela. Os velhos nos diziam, nós vamos perder nossa cultura, é preciso que os jovens estudem, aprendam a ler e escrever. Eu ficava com aquilo na cabeça, então eu queria estudar, não queria perder minha cultura, ficar sem nada.

## Castro

Mais velho dos sete filhos de Barradas e Duana, Castro também foi um dos alunos da primeira turma de Jandyra que concluiu a 4ª série em Auaris. Ele conta que mesmo antes da chegada dela, uma missionária havia ministrado algumas aulas. No dia da seleção, ele estava na roça com a mãe e não foi escolhido. Quando as aulas começaram, ficava nas proximidades, querendo aprender, mas acabava sempre expulso de lá. A missionária foi embora e as aulas acabaram. Tomé, tempos depois, começou a alfabetização em Ye'kuana das mesmas crianças e mais uma vez ele ficou de fora, pois diziam que ele ainda era muito pequeno<sup>5</sup>.

Quando Jandyra veio ele insistiu e conseguiu cursar as aulas, sendo um dos alunos que mais se destacou, junto com Reinaldo, e foi enviado para continuar os estudos em Alto Alegre:

Eu e Reinaldo fomos em dezembro para o sítio em Alto Alegre e as aulas começariam em março. Nós trabalhamos lá quase como escravos, não recebíamos nada e o patrão não queria que a gente estudasse. Um dia, o patrão mandou a gente levar um boi para o pasto bem na hora da aula. Eu fui, mas Reinaldo foi direto para a escola. Eu fui depois e cheguei atrasado na aula. O patrão soube, ficou muito zangado, chamou a polícia e foi falar com o diretor da escola, queria nos prender! O diretor então mandou nos chamar, queria falar com a gente. Ele perguntou, quem são vocês, o que vocês querem. Reinaldo respondeu, nós queremos estudar. O diretor disse que nosso patrão queria mandar a gente embora já que não iam nos prender, mas que se a gente quisesse mesmo estudar ele [o diretor] ia deixar a gente morar na casa dele e nós aceitamos. Então o diretor combinou de ir lá no sítio buscar a gente e nós fomos embora. Ainda tivemos que falar com o policial na saída, que nos aconselhou a não desobedecer nosso patrão. Quando chegamos no sítio, o homem já tinha chamado um carro para nos levar de volta a Boa Vista e não deixou que a gente esperasse o diretor nos buscar, fomos mandados de volta na mesma hora. Em Boa Vista, ficamos dois dias na casa da filha desse homem, que nos levou lá na MEVA. Lá, contaram mentiras ao pessoal da MEVA, disseram que nós éramos cachaceiros. O vô da MEVA para Auaris ainda ia demorar quase um mês, então nós fomos esperar na casa do Nestor, que tinha fazenda onde o pessoal daqui já tinha trabalhado, era conhecido da gente. No dia do vô já tinha outra versão, que os padres queriam que a gente assinasse um documento para tirar a MEVA de Auaris, por isso acharam melhor mandar a gente de volta. Fomos tão humilhados, voltamos a Auaris e eu desisti de estudar. O tempo passou, Reinaldo e Henrique já estavam em Boa Vista estudando e Jandyra insistia para que eu fosse também, ela me animava. Então eu fui, nós morávamos juntos, Xavier também estava lá. Nós ficamos morando na casa do Nestor, mas depois

ele precisou vender a casa. Ai, Henrique conseguiu alugar uma casa pequena. Eles trabalhavam, mas eu só conseguia bicos, limpava quintal, essas coisas. Em 1989 o pessoal comprou a casa de apoio, que era do patrão do Xavier, ele até deixou que a gente fosse pra lá antes de pagar a casa. Raul e Valter foram morar conosco também. Em 1991 eu fui servir o Exército e parei de estudar. Eu tinha terminado a 7ª série, mas os mais velhos me diziam para que eu não me engajassem no Exército e voltasse a estudar. O tuxaua Eduardo dizia para que eu pedisse baixa, então eu saí depois de um ano e me matriculei na escola de novo, terminei a 8ª série. Tentei o supletivo, mas não consegui acompanhar o ritmo, então decidi fazer o segundo grau mesmo. Em 1995, quando eu estava fazendo o último ano, comecei a ter dificuldades, perdi algumas aulas, fui para Waikás e acabei desistindo e resolvi voltar para Auaris, já estava longe há muitos anos. No ano seguinte fui a Boa Vista e lá fiquei sabendo de um concurso de redações sobre povos indígenas da Secretaria de Cultura, porque eu conhecia uma pessoa que trabalhava lá. Eu mandei uma redação e fui premiado. Um dos jurados era diretor de escola e soube que eu não estava estudando. Ele mandou me chamar e me disse que havia uma escola que ainda tinha vaga, então eu me matriculei e terminei o segundo grau. Uma das minhas professoras pagou minha inscrição para o vestibular, mas eu não passei. Nessa época a Funasa estava com problemas porque a Terra Yanomami estava infestada de malária, inclusive Auaris, e muitos funcionários não queriam entrar em área. Eu conversei com o chefe do Distrito Sanitário Yanomami (DSEY) e ele arranhou uma vaga para mim no curso de formação de microscopistas. O curso durou três meses e logo depois fui contratado como colaborador, trabalhei em vários pólos, viajava para onde precisassem. Quando a Urihi<sup>6</sup> assumiu o atendimento de saúde, fui contratado como microscopista e fiquei até o fim de 2000. No ano seguinte, fui contratado como secretário da escola aqui em Auaris. Eu viajava muito e ficava longe da comunidade muito tempo, trabalhando na saúde, por isso resolvi ficar na escola [Castro casou-se nesse período com uma jovem de Auaris]. Em 2004, quando acabou o convênio com a Urihi e a Funasa assumiu o atendimento outra vez, me chamaram, eles estavam precisando de microscopista. Eu

fiquei um ano, mas aí houve seleção para professor, eu fiz, passei e acabei escolhendo o trabalho na escola mais uma vez.

## **Henrique**

É filho e neto de importantes líderes (Albertino, o pai, e Apolinário, o avô). Segundo ele, Albertino era muito preocupado em desenvolver a comunidade e seguiu os passos do pai, Apolinário. Albertino queria que os jovens estudassem, e aprendessem a língua dos brancos. Henrique foi levado por ele em 1978 para Boa Vista, para que morasse na casa de um conhecido, mas não pôde matricular-se na escola porque não tinha certidão de nascimento, ficando lá apenas para aprender português. Albertino foi para o Catrimani fazer canoas que haviam sido encomendadas pelos padres da missão católica e ficou sabendo da escola de Surumu<sup>7</sup>. Ele resolveu buscar Henrique em Boa Vista e levá-lo até os padres, que o enviaram para estudar em Surumu em 1979. Mais dois Ye'kuana foram enviados para lá também, Marco Antônio e Eduardo.

Os padres nos orientavam, aconselhavam. Nós frequentávamos a igreja – era obrigatório – e rezávamos antes de comer, mas a gente não gostava dessa parte. Fiquei lá até terminar a 4ª série e depois de um tempo em Auaris, fui para Boa Vista e entrei para o Exército, onde servi dois anos. Não conseguia estudar enquanto estava no quartel, por isso resolvi sair, porque eu queria estudar, como meu pai me aconselhou. Reinaldo e Castro já estavam em Boa Vista, depois vieram Jaime e Xavier. Eu trabalhava e estudava à noite. Quando os garimpeiros tinham invadido Waikás, eu fui trabalhar no garimpo. Tinha muito garimpeiro em área, o garimpo de Waikás parecia uma cidade, os garimpeiros bebiam muito, brigavam, se matavam. Tinha muita malária nessa época também, muita mesmo. Aí o pessoal resolveu comprar a casa de Boa Vista, a casa de apoio, e eu voltei para lá, pois fiquei sendo o responsável pela casa. Arranjei um emprego na Tapajós metais, comprando

e vendendo ouro, e recomecei a estudar, terminei a 8ª série. A missionária queria, nessa época, que a escola fosse reconhecida e eu voltei para Auaris para trabalhar com ela, como voluntário no começo, depois fui contratado. Quando criaram o magistério parcelado indígena eu me matriculei, fiz o curso, e continuei o trabalho na escola junto com Reinaldo e nunca mais paramos.

A primeira geração de professores, que surgiu da turma alfabetizada pela missionária (com exceção de Henrique), ilustra o desejo dos pais de prepará-los para enfrentar o futuro revelado pela profecia de *wätunnä*. Estes homens, que viajaram nas expedições comerciais e trabalharam nas fazendas dos arredores de Boa Vista, sabiam que, a exemplo do que ocorria na Venezuela com seus amigos e parentes, era preciso preparar seus filhos para algo maior do que aquilo que enfrentavam nessa ‘terceira fase’ do contato com os brancos<sup>8</sup>, em que a duras penas tinham acesso aos bens industrializados e cujo ponto crítico foi o período do garimpo. Na fala de Reinaldo, esse desejo fica explícito ao lembrar do sofrimento das viagens longas e perigosas no acidentado Rio Auaris. O pai de Reinaldo, João, sempre relembra tais viagens como momentos pelos quais os homens passavam por grandes dificuldades “os homens voltavam magrinhos, queimados de tanto sol que tomavam”. Além de desejar um destino menos sofrido para seus descendentes, homens como João, Albertino e tantos outros de sua geração, sabiam da profecia e do que estava por vir – a chegada dos brancos em área, o solapamento da cultura Ye’kuana. Estes homens tinham duas opções: aguardar o destino anunciado ou assumir papel ativo no processo, mesmo sabendo de sua irreversibilidade. Abraçando a segunda opção, solicitaram repetidamente à Funai e à MEVA o envio de um professor a Auaris, pedido atendido com a chegada da missionária. Mais tarde, os jovens que iniciaram os estudos com ela foram estimulados a

prossequir, tanto pelos líderes quanto pela própria missionária. Apesar das dificuldades, essa primeira geração que consegue uma formação escolar, como desejavam seus pais, retorna a Auaris para dar seguimento ao projeto de preparar a comunidade, as novas gerações, para o futuro anunciado e aguardado. A segunda geração de professores, quase todos formados em Auaris (um dos professores mais jovens, Marcelo, rapaz de 25 anos, cursou o 2º grau em Boa Vista), é o primeiro resultado do empenho deles no trabalho com a escola – são os jovens que ministram aulas para as turmas de até 4ª série e iniciam o magistério em setembro.

A escola é o primeiro passo na formação dos jovens para esse futuro. O desejo dos professores é que em breve vários alunos prossigam seus estudos em Boa Vista, cursando a Universidade nas mais diversas áreas. “Queremos médico, advogado, dentista, todos Ye’kuana, trabalhando pela comunidade”, confidenciou-me um deles. O processo já está em curso. Flávio, irmão dos professores Henrique e Martim, filhos de Albertino, terminou o curso técnico de Enfermagem em Boa Vista no final do meu trabalho de campo e foi contratado pela Funasa; vários outros jovens percorrem o mesmo percurso. Assim como aprenderam com os mais velhos, sabem que precisam se preparar para viver no mundo dos brancos, tomar lugar nele até que este ciclo termine e o próximo se inicie. Essa é a realidade com a qual já têm que conviver, embora enfatizem que continuam lutando para manter a cultura Ye’kuana viva na medida do possível: “Eu não acho que a gente vai perder a nossa língua, nós, professores, lutamos para isso, ensinamos os alunos, alfabetizamos primeiro em Ye’kuana. A cultura eu acho que a gente já está perdendo; nós professores, por exemplo, que estudamos em Boa Vista, nós aprendemos as coisas dos brancos, estudamos em escola dos brancos, não sabemos *wätunnä*, não temos o conhecimento tradicional”, diz Reinaldo. Mas é exatamente por reconhecer tal fato, dizem os professores, que eles têm procurado maneiras de introduzir



o conhecimento tradicional na pauta da escola também, como ressalta Henrique

Nas aulas de arte, os alunos aprendem a tocar nossos instrumentos, por exemplo. Com meus alunos de geografia, fiz um mapa da nossa região, com os nomes ye'kuana de cada lugar de Auaris, os territórios de caça e pesca. Depois que comecei o curso na universidade, comecei a pensar que nós temos que produzir o nosso próprio material didático, e não usar só os livros que os brancos fizeram. Eu penso em mudar o pensamento dos nossos jovens que querem ser como os brancos, porque os velhos sofreram muito, até sendo escravizados, por isso eu estudei, para mudar isso. Eu não quero que os jovens estudem só para ganhar dinheiro, quero que eles lutem pelos direitos da comunidade.

As profissões surgem como novas fontes de riqueza e saber que substituem paulatinamente o trabalho braçal nas fazendas e as expedições comerciais do passado. A situação idealizada é ter trabalho sem sair de Auaris, e as possibilidades hoje disponíveis além do trabalho na educação são na área da saúde ou alistando-se no Exército.

### **O trabalho na saúde**

Apenas no final dos anos 1990 Auaris passou a contar com assistência regular de saúde, após a epidemia de malária que grassou na Terra Indígena Yanomami, alimentada pelos garimpos. Ramos (1991), em relatório produzido quando acompanhou o trabalho de uma equipe de saúde da Funasa enviada a Auaris em caráter emergencial, já apontava para a necessidade de uma equipe permanente de saúde em área, que oferecesse um tratamento regular, de forma a controlar a epidemia. De 1992 a 1999 a FNS (Fundação Nacional de Saúde) foi responsável pelo atendimento de saúde na área; em 1999 a

Ong Urihi, desdobramento da CCPY (Comissão Pró-Yanomami) assumiu o atendimento de saúde na área yanomami, através de convênio firmado com a Funasa (criada para substituir a FNS). Foram formadas equipes para atender na TI Yanomami, dividida em pólos para facilitar a logística do atendimento. O pólo de Auaris passou a contar com uma estrutura permanente e vôos regulares faziam a troca dos funcionários a cada quarenta e cinco dias. O convênio Funasa/Urihi terminou em 2004, quando a Funasa reassumiu o atendimento, contando com um outro convênio firmado com a FUB (Fundação Universidade de Brasília) para manutenção de equipes de atenção básica à saúde e capacitação do controle social. A Funasa permanece responsável pela coordenação do atendimento de saúde em área e cuida de toda a parte logística (BISSERRA, 2006).

Os vôos em Auaris para troca de equipe passaram a ser quinzenais. Cada funcionário permanece em área trinta dias e quinze dias em Boa Vista, dez dos quais de folga. Os recursos materiais e humanos são os mesmos da época da Urihi: em uma das extremidades da pista de pouso de Auaris, do lado oposto ao Pelotão de Fronteira e próximo ao Posto da Funai, ficam as duas principais construções, a casa-sede dos funcionários e um galpão que faz as vezes de hospital, onde são internados os pacientes cujo estado de saúde é mais delicado; há ainda um pequeno ambulatório e o laboratório onde trabalham os microscopistas e o técnico que vem de Boa Vista. Na subdivisão da área em pólos, cada subpólo (comunidade) conta com um ou dois funcionários, dependendo do tamanho da população. No posto permanece a enfermeira-chefe da equipe, cerca de quatro técnicos responsáveis pelo atendimento no hospital na comunidade Sanumá mais próxima e os profissionais que eventualmente visitam a área, como o médico responsável pelo atendimento de toda a área ou um dos dentistas.

Em cada subpólo, e a aldeia Ye'kuana é um deles, há

uma construção que abriga o funcionário responsável pelo atendimento. Em geral, na mesma construção um espaço é utilizado para o atendimento aos pacientes, servindo ainda de depósito para os medicamentos. Os Ye'kuana orgulham-se de ter boas instalações para os funcionários da Funasa e para o atendimento, ao contrário da maioria dos outros subpólos de Auaris. A casa em que o funcionário fica hospedado é uma construção de um cômodo de pau-a-pique, telhado de zinco, com água encanada (em 2004 a Funasa construiu um poço artesiano na aldeia Ye'kuana. Através de uma bomba a diesel, que é ligada todos os dias, enche-se a caixa d'água que abastece as torneiras localizadas no terreiro de cada casa da comunidade, incluindo a escola, a casa da missão, a farmácia e o alojamento dos funcionários) e vaso sanitário, um luxo somente encontrado na casa-sede próxima à pista de pouso. A farmácia, construção independente ao lado do alojamento, foi construída a pedido da Meva, no começo da década de 1990, época em que uma das missionárias que vivia em Auaris era uma médica. É uma construção espaçosa, com uma varanda onde ficam os pacientes que aguardam atendimento, uma sala onde é feita a consulta e são administradas as medicações, um pequeno depósito onde ficam armazenados todos os remédios e equipamentos e nos fundos, uma sala reservada, usada para exames ginecológicos, consultório improvisado quando o dentista visita a comunidade e também quando algum paciente precisa ficar sob observação ou tomando soro, pois há aí uma maca. Cada subpólo tem um aparelho de rádio que o liga com a sede do pólo e com a sede da Funasa em Boa Vista. O rádio é fundamental nas interconsultas com a enfermeira do pólo ou mesmo com o médico, que pode estar em Boa Vista ou em outro pólo da TI, e também para solicitar remoção de pacientes graves para o hospital em Auaris. Na sede do pólo há um barco a motor utilizado para levar os funcionários aos subpólos, levar a enfermeira, médicos e dentistas nas visitas

eventuais, abastecer o subpólo com medicação e vacina ao longo da quinzena e resgatar pacientes graves.

Os Ye'kuana estão envolvidos com o trabalho na saúde desde a época em que a Meva era responsável pelo atendimento em área. Raimundo, Tomé e Marco Antônio foram os primeiros a trabalhar junto à enfermeira da Meva, ajudando na administração das medicações. Raimundo optou mais tarde por morar em Boa Vista, onde trabalhou na CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), Tomé e Marco Antônio continuaram trabalhando na saúde. Ambos fizeram cursos de formação, o primeiro com a Meva, depois com a Funasa e Urihi. Tomé hoje trabalha como AIS (Agente de Saúde Indígena), depois de ter trabalhado como barqueiro e intérprete, e Marco Antônio trabalhou como AIS e depois como microscopista até fins de 2005, somando dezesseis anos de trabalho na saúde.

Vários outros homens já trabalharam – ou trabalham ainda – na saúde. Além de Tomé, há mais um AIS em Auaris, Joaquim, que morou em Boa Vista, onde concluiu o 2º grau, retornando a Auaris para o trabalho na saúde. O AIS auxilia o técnico responsável pelo atendimento da quinzena, inclusive como intérprete, e também ministra medicações de horário fixo aos pacientes em tratamento. Com a malária erradicada de Auaris há cerca de cinco anos, os microscopistas ye'kuana são lotados em outros pólos da TI Yanomami onde os índices de malária voltaram a subir, sobretudo devido a presença de garimpeiros que agem como viveiros humanos do plasmódio, escondidos na mata nos garimpos ilegais. Era possível ouvir no rádio da Funasa funcionários de outros pólos da TI notificando a sede em Boa Vista da chegada de garimpeiros ao posto quase mortos pela malária, buscando atendimento médico, atormentando indígenas e a equipe de saúde, que solicitava um vôo para remover os garimpeiros, que não ofereciam resistência, diante da gravidade do estado de saúde em que se encontravam. Na viagem que

fiz com os Ye'kuana descendo o Rio Auaris até o Parima, em dezembro de 2005, encontramos um dos microscopistas ye'kuana trabalhando no pólo conhecido como Parafuri, onde vivem cerca de 380 Yanomami. Em uma única manhã de trabalho ele examinou várias lâminas, todas positivas, da comunidade mais próxima do posto da Funasa do Parafuri. Enquanto aguardávamos o vôo, que nos levaria a Boa Vista, hospedados durante dois dias no posto, eu e um dos professores ye'kuana acompanhamos estarecidos o número de casos aumentar todos os dias. Nesse período, seis Yanomami permaneciam internados no posto em tratamento de malária. O caso mais delicado era de uma mulher, grávida de oito meses, que terminou por ter a criança prematuramente quando ainda estávamos lá. Soube já em Boa Vista que a criança passava bem e a mãe seguia com o tratamento. Em 2006, foi produzido relatório técnico mostrando que, se no período de 2000 a 2002 um trabalho intenso reduzira o índice de malária de 80% para 3% (nesse período a malária foi erradicada em Auaris e permanece assim até o momento), a partir do segundo semestre de 2005, a malária voltou a assolar o território Yanomami, devido a uma conjuntura de fatores tais como a presença de garimpos, a instabilidade dos convênios firmados entre Funasa e as Ongs parceiras (a exemplo da FUBRA e SECOYA, esta última responsável por pólos localizados no Estado do Amazonas), com falta de repasse dos recursos e paralisação dos trabalhos de campo pelos funcionários. De janeiro a junho de 2006, a notificação radiofônica dos casos de malária foi de 2.591 casos, uma incidência de 15% da população, representando um aumento de 470% com relação ao mesmo período de 2005 (Fonte: PITHAN, 2006).

O fato de serem deslocados para o trabalho em outros pólos foi um dos fatores que levou vários microscopistas ye'kuana a desistir do trabalho na saúde, aliado à falta de cursos de capacitação. A mesma queixa é feita pelos atuais AIS, pois, até

dezembro de 2006, apenas um dos vários módulos que compõem o curso de formação havia sido ministrado. O primeiro módulo fora ministrado há mais de um ano e os AIS (a queixa se estende também aos vários AIS sanumá) argumentavam que já estavam esquecendo tudo o que haviam estudado, por causa da falta de continuidade no curso de capacitação. Três dos professores de Auaris foram microscopistas no passado.

As desvantagens apontadas por aqueles que deixaram o trabalho na saúde e também pelos que nele permanecem concentram-se em dois aspectos: falta de capacitação e trabalho para ‘outros’, ou seja, os Sanumá e demais Yanomami. Tais queixas confirmam o que está explícito no discurso dos professores: as profissões, o trabalho para os brancos, deve ser fonte de conhecimento para os Ye’kuana, conhecimento este a ser aplicado por eles para o bem da própria população. De que vale ter conhecimento para curar doenças e trabalhar em prol de outros povos?

Embora utilizem ervas medicinais e ervas mágicas no tratamento de algumas doenças, os Ye’kuana de Auaris se dizem hoje fragilizados pela ausência de pajés na comunidade, por isso dependem cada vez mais da medicina dos brancos para curar suas doenças. A área de saúde é vista como de grande importância, e os jovens estão sendo estimulados a fazer cursos nessa área (como é o caso dos já citados Flávio e Manoel, que fizeram o curso técnico de enfermagem); os Ye’kuana sabem que, conforme lhes ensina *wätunnä*, a tendência é que cada vez mais o conhecimento tradicional se perca e só lhes reste o conhecimento dos brancos. Para minimizar os efeitos dessa dependência, é preciso adquirir esse conhecimento.

### **Soldados para quê?**

Na década de 1990 a base militar em Auaris foi

transformada no 5º Pelotão de Fronteira (PEF), parte do Programa Calha Norte, que atua na Amazônia setentrional com vistas a desenvolver a região, ao mesmo tempo salvaguardando as fronteiras nacionais (ANDRADE, 2003). Seguindo o exemplo de alguns jovens que haviam servido ao Exército em Boa Vista (como vimos com Henrique e Castro), alguns jovens se candidataram a servir ao PEF em Auaris e foram recrutados. Um dos primeiros foi Jaime, irmão de Reinaldo, que serviu no PEF durante sete anos.

A trajetória de Jaime se confunde com a trajetória dos professores de sua geração (Jaime é apenas quatro anos mais jovem que Reinaldo). Terminou a 4ª série em Auaris, trabalhou no garimpo em Waikás e depois também com a Funai na retirada dos garimpeiros de área durante seis meses. Chegou a trabalhar também na saúde por dois anos. Quando estava no garimpo em Waikás, Marco Antônio, seu cunhado, foi buscá-lo para que fizessem um curso de capacitação promovido pela MEVA na região conhecida como Flechal, área Macuxi. Jaime fez o curso e trabalhou na saúde em Auaris junto com Marco Antônio por dois anos, sem remuneração. Entretanto, acabou retornando ao trabalho no garimpo em Waikás.

Após voltar a Auaris, Jaime foi aconselhado pelo irmão mais velho, Ramiro, a se alistar no PEF de Auaris. Ramiro já era soldado do PEF e Jaime, junto com mais um jovem ye'kuana, seguiu para Boa Vista para encaminhar a documentação para o alistamento. Em Boa Vista soube da notícia que após uma festa em que consumira grande quantidade de caxiri, Ramiro se suicidara com um tiro de espingarda. Jaime voltou a Auaris e poucos meses depois foi recrutado, partindo para Boa Vista para fazer o curso de formação. Terminado o curso, após três meses servindo na quartel em Boa Vista, Jaime foi transferido para Auaris. Os primeiros anos servindo no PEF foram tranquilos, mas o último, 2004, foi marcado por problemas que culminaram com seu

pedido de baixa do Exército. Todos os anos, novos comandante e subcomandante são enviados a Auaris, onde cumprirão um ano de serviço. Naquele ano, conta Jaime, uma discussão com o novo comandante do PEF iniciaria a série de eventos decisivos para sua saída da vida militar.

A micro-usina construída pelos militares para fornecer energia para o quartel, hoje também beneficiando a aldeia ye'kuana e a aldeia sanumá mais próxima à pista, fica a algumas horas de caminhada do quartel, e demanda manutenção constante, pois trabalha no limite de sua capacidade e utiliza maquinário antigo. Segundo Jaime, ele e Camilo, o outro soldado ye'kuana que se alistou junto com ele, eram enviados à usina todos os finais de semana pelo novo comandante. Eles reclamaram e o comandante resolveu formar uma equipe maior, mandando junto com eles outros cinco soldados. Entretanto, Jaime diz que, ao chegar lá, os outros soldados nada faziam e somente ele e Camilo executavam as tarefas necessárias. No retorno, com raiva, disse que um dia derrubaria os postes de energia. O comandante, informado sobre o comentário, ordenou que Jaime fosse detido (os soldados ye'kuana são liberados às 17:00 para retornar a suas casas, voltando ao quartel na manhã seguinte). A comunidade foi informada à noite, na costumeira reunião dos homens na casa comunal, e, no dia seguinte, os homens foram ao quartel e solicitaram uma reunião com a presença dos representantes da Funai, Funasa e Meva. Jaime contou que a reunião apenas acirrou os ânimos. Apesar do incidente, outros jovens Ye'kuana alistaram-se no ano seguinte, atualmente há três soldados ye'kuana servindo em Auaris. O comandante e o subcomandante na época da pesquisa apoiavam o alistamento indígena e me diziam que os ye'kuana eram os melhores soldados do PEF, por sua disciplina, presteza e por “fazerem o trabalho sempre bem-feito”. A micro-usina, entretanto, segue sendo fonte de conflito até hoje, pois os Ye'kuana, além de reclamar da falta constante de



energia, porque a usina quebra seguidamente e é preciso esperar a assistência técnica que vem de Manaus, questionam o fato de a manutenção da trilha de energia, rateada entre os beneficiários (Pelotão, Meva, Funai, Funasa, Sanumá e Ye’kuana) fica sempre a cargo deles, que cobrem a maior e mais perigosa parte, sob o argumento de que a comunidade tem o maior número de residências beneficiadas pela energia. Esse tema é assunto de repetidas reuniões com a presença dos representantes de cada instituição e das duas etnias, mas nunca se chega a um acordo.

Ao comentar o período que passou no Exército, Jaime pondera: “Fiquei lá tanto tempo, parei de estudar e agora não tenho nada”. Esse é o mesmo argumento usado pelos professores ao desaprovarem o alistamento. “Ser soldado pra quê? Olha o Jaime, Camilo. Pararam de estudar, ficaram um tempão trabalhando e agora estão sem emprego, sem dinheiro, sem estudo, sem nada”. Até mesmo os jovens que estão atualmente servindo no PEF ponderam essas questões. Todos os três me disseram que têm planos de pedir baixa e voltar a estudar; um deles quer ser professor, o outro quer fazer um curso na área da saúde e o outro quer terminar o 2º grau e tentar o vestibular em Boa Vista.

### **A vontade de saber**

A crítica à vida no Exército, bem como o trabalho na saúde, reflete o ideal ye’kuana construído pela profecia de *wätunnä*: as profissões são a chave para ter acesso ao conhecimento dos brancos. Trabalhar, ter um emprego, sem aprender, sem dominar conhecimento, não compensa o preço de abrir mão do conhecimento tradicional. A escola ainda é o local, por excelência, mais valorizado dentro dessa lógica. Entretanto, sua introdução no mundo ye’kuana, fruto de um paradoxo, traz consigo dilemas intransponíveis, associados às altas taxas

de suicídio entre jovens estudantes e mesmo professores, nos últimos anos (ver ANDRADE, 2011; ANDRADE, 2012).

O grande paradoxo que a escola encerra – por ser um dos signos da destruição e morte da cultura – se reflete nas representações que os Ye’kuana fazem dela. A geração que lutou pela criação da escola em Auaris hoje lamenta as transformações sociais recentes, apontadas como fruto da educação à moda ocidental. A sedentarização da população, o impacto negativo nas atividades tradicionais e o desrespeito pelos velhos são apontados como os grandes problemas surgidos desse paradoxo, cuja face agonística aparece nos suicídios de jovens, homens e mulheres, que têm assombrado a comunidade nos últimos anos. “Antes, um filho aprendia tudo com os pais, os conselhos para o futuro. Com a escola, os filhos convivem pouco com os pais e a responsabilidade agora é dos professores. Os jovens não sabem mais nada da cultura. Meu avô já dizia que ia ser assim”. Esta frase, dita por um Ye’kuana é recorrente no discurso dos homens de sua geração e dos mais velhos. Embora a escola seja fruto de um projeto consciente e intencional para preparar os jovens para o futuro ciclo, os velhos não deixam de se lamentar pelos efeitos desastrosos que creditam ao fato de que os jovens “querem ser como brancos”. Acredita-se que o projeto de educar os jovens se desvirtuou em algum momento. Alguns falam de guerra xamânica, outros, no poder na profecia, que a cada dia se torna mais palpável.

Os ye’kuana tem se envolvido em um processo, acelerado nos últimos dois anos pela formação dos primeiros professores ye’kuana na licenciatura intercultural na Universidade Federal de Roraima, de repensar a escola indígena. Acreditam que é possível retomar o sonhado projeto das gerações anteriores de constituir um espaço em que o saber dos brancos se torne acessível aos jovens, sem prescindir do seu próprio conhecimento. Conhecidos por manterem sua unidade e integridade linguística e cultural a

despeito da dispersão por um território de grandes dimensões e uma história de contato virulento com a população não-indígena, que se deve em boa medida aos valores fortemente arraigados em seu código moral, que orientam as incursões no mundo dos brancos, os Ye'kuana buscam se reinventar uma vez mais. Resta-nos aguardar o surgimento deste novo projeto.

### Notas

<sup>1</sup> Os Ye'kuana são um povo de fala caribe cuja população está em parte do território brasileiro (três aldeias, todas no estado de Roraima) e parte no território venezuelano (59 aldeias). Realizei pesquisa etnográfica com os Ye'kuana que vivem na Terra Indígena Yanomami, no extremo norte do estado de Roraima, na aldeia Fuduwaaduinha, a maior aldeia ye'kuana do lado brasileiro, com cerca de 300 habitantes. Fuduwaaduinha está localizada na margem esquerda do Rio Auaris, a cerca de 280 milhas aéreas da cidade de Boa Vista, próximo à fronteira com a Venezuela.

<sup>2</sup> O anti-herói, nascido da placenta apodrecida de Wanaadi, que representa tudo que há de corrompido nesta terra.

<sup>3</sup> Vários homens me disseram que algumas aldeias na Venezuela que eram convertidas estão mudando de postura a abandonando a religião dos brancos. Lauer (2005) traz alguns dados sobre essa questão.

<sup>4</sup> Subgrupo Yanomami que migrou do sul da Venezuela para a região de Auaris há cerca de 50 anos. A população Sanumá de Auaris hoje é de aproximadamente 2.000 pessoas (Fonte: FUNASA).

<sup>5</sup> Reinaldo tem hoje 38 anos, Castro tem 35 e Henrique é o professor mais velho, com 41 anos. Os outros professores, Raul, Martim, Fernando, têm cerca de 35 anos. Já há uma geração mais jovem de professores, formada em Auaris, que irá cursar a turma de magistério que se inicia em setembro deste ano, todos na casa dos 20 anos.

<sup>6</sup> Em 1999 foi firmado convênio entre a Funasa e a ONG Urihi, criada como desdobramento da CCPY (Comissão Pró-Yanomami), para atendimento de saúde na área Yanomami (Biserra 2006).

<sup>7</sup> Escola-internato criada na década de 1940 por padres católicos, inicialmente tinha como proposta receber órfãos, mas voltou-se para a população indígena do Estado de Roraima, com alunos de várias etnias. Atualmente há um jovem Ye'kuana estudando em Surumu.

<sup>8</sup> A primeira fase foi marcada pela mal-sucedida experiência com os colonizadores espanhóis; a segunda fase iniciou-se com a paulatina retomada das relações comerciais com criollos e culminou com o drástico boom da borracha e posterior dispersão da população em fuga do trabalho escravo. A terceira fase, portanto, se inicia sob o signo das relações comerciais pacíficas com a população local, no Brasil e na Venezuela.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Karenina Vieira. *A Ética Ye'kuana e o Espírito do Empreendimento*. Tese de Doutorado, PPGAS/UnB, 2007.

ANDRADE, Karenina Vieira. Reflexões sobre o significado das mortes por suicídio entre os Ye'kuana. In: Carlos Alberto Ricardo, Fany Ricardo. (Org.). *Povos Indígenas no Brasil 2006/2010*. São Paulo: ISA, 2011.

ANDRADE, Karenina Vieira. Novos saberes, velhos destinos. O processo de escolarização entre os Ye'kuana. *No prelo*, 2012.

COPPENS, Walter. Las relaciones comerciales de los Yekuana del Caura-Paragua. *Antropologica*, 1971, 30: 28-59.

COPPENS, Walter. *The anatomy of a land invasion scheme in Yekuana territory, Venezuela*. IWGIA Document p, Copenhagen, October, 1979.

COPPENS, Walter. *Del canaleta al motor fuera de borda – Misión em Jiwitiña y otras áreas de aculturación em três pueblos Ye'kuana del Caura-Paragua*. Caracas: Fundación La Salle, Instituto Caribe de Antropología e Sociología, 1981.

FRECHIONE, John. *Economic self-development by Yekuana amerinds in Southern Venezuela*. PhD Thesis, University of Pittsburgh, 1981.

FRECHIONE, John. From conflict to cooperation: Spanish-Amerindian relations on the Orinoco River, in: *Antropologica*, 1999, 90: 19-62.

LAUER, Matthew Taylor. *Fertility in Amazonia: Indigenous concepts of the human reproductive process among the Ye'kwana of Southern Venezuela*. PhD Thesis, University of California Santa Barbara, 2005.

LAURIOLA, Elaine Moreira. Entre “Corpo” e “Alma”: a não-conversão dos Yekuana no Brasil, in: *Transformando os Deuses – igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*, Robin M. Wright (org.), volume II. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

PITHAN, Oneron. *Relatório técnico da malária – Distrito Sanitário Yanomami DSY*. Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde, Coordenação Regional de Roraima. Publicado no site da CCPY: [WWW.proyanomami.org.br](http://WWW.proyanomami.org.br), 2006.

RAMOS, Alcida Rita. *Memórias Sanumá – Tempo e Espaço em uma Sociedade Yanomami*. Brasília: EdUnB/Marco Zero, 1990.

RAMOS, Alcida Rita. *Auaris revisitado*. Série Antropologia. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 1991.